

Recebido em: 21 de fevereiro de 2018
Aprovado em: 28 de junho de 2018
Sistema de Avaliação: Double Blind Review
RPR | a. 15 | n. 2 | p. 231-235 | jul./dez. 2018

RESENHA

PEIXOTO, José Luís. **Estrangeiras**. Lisboa:
Rosa de Porcelana, 2016. 91p.

Luciana Éboli

Doutora em Letras (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/Brasil).
Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).
E-mail: leboli@sapo.pt.

Nascido no ano de 1974, em Galveias, Portugal, o escritor José Luís Peixoto recebeu, como destaque de sua obra, importantes prêmios da literatura. Entre eles, o Prêmio Literário José Saramago, pelo romance *Nenhum Olhar*, em 2001; o Prêmio Cálamo Outra Mirada, na Espanha, pelo romance *Cemitério de Pianos*, em 2007; e o prêmio Libro d'Europa, na Itália, por *Livro*, como melhor romance europeu em 2013. A sua incursão na escrita teatral aconteceu no ano de 2005, com a peça *Anathema*, estreada pela companhia belga *Tg Stan*, em Paris. A partir de então, seus textos passaram a ser representados em diversos palcos portugueses e internacionais, por companhias variadas, em excursões e festivais, com destaque para a obra *À Manhã*, de 2007, apresentada pela companhia lisboeta de Miguel Seabra e publicada na coletânea de textos *Cal*, do mesmo ano. Sua mais recente criação para teatro, a peça *Estrangeiras* foi publicada no ano de 2016, pela editora Rosa de Porcelana, em Lisboa.

Estrangeiras trata das relações humanas a partir de diferenças, das dificuldades e dores do encontro entre pessoas de origens variadas em busca de um sonho comum. A ação se passa numa sala fechada de um aeroporto norte-americano, onde três mulheres, de diferentes nacionalidades, aguardam autorização para entrar no país: uma brasileira, uma portuguesa e uma cabo-verdiana, cada uma delas com seus anseios e histórias, cada uma com a perspectiva de se afirmar através de suas memórias e possibilidades de futuro. Todas à mercê de suas condições sociais, impedidas de ingressar no país estrangeiro.

A peça mostra pessoas vindas de lugares diferentes que se encontram numa mesma situação, num local onde existe apenas o mesmo ato de espera. Há uma única situação que transforma as três mulheres, como nas palavras de uma personagem, em uma mesma 'coisa'. Apesar disso, ao confrontarem-se no ato de espera, essas mulheres protagonizam a expressão de suas identidades, dores e memórias.

A personagem de nome Isabella, brasileira do Piauí, pretende encontrar uma amiga no Arizona. Lili, ou Odaíia, a cabo-verdiana do Mindelo, mostra ter abandonado alguém e objetiva ir atrás de familiares em Boston. A portuguesa Maria do Rosário, nascida em Ponte da Barca, aguarda encontrar o Sr. 'Fernando americano', o conhecido da família que havia feito a promessa de ajudá-la no país estrangeiro. Todas tentam se afirmar através de suas características e identidades, e procuram lidar com o estranhamento que surge entre elas.

O drama é dividido em onze cenas, e a ação dramática perpassa o mesmo espaço da sala fechada e com a presença das três personagens o tempo todo. Na descrição inicial do cenário, percebe-se a ambientação fria e impessoal de uma sala com janelas fechadas e cadeiras encostadas nas paredes. A possibilidade de relação com o exterior se dá apenas com a percepção do passar das horas a partir de um relógio pendurado. As mulheres estão em silêncio, seguram suas bolsas no colo (com o pouco que carregam de si, de suas identidades) e a imobilidade da situação é quebrada, às vezes, por pequenos gestos. Há ironia, há comédia, mas há, acima de tudo, o triste drama do desencontro pessoal.

Na ação, com breves tentativas de aproximação, surgem os conflitos e embates: a mesma língua portuguesa falada pelas três não é totalmente compreensível, do mesmo modo em que tentam a percepção local a partir de fusos horários próprios e não mais reconhecíveis. Como consequência disso, torna-se difícil a localização espacial de cada uma das três mulheres. Elas, então, confrontam-se em suas nacionalidades e não são capazes de se situar espacialmente: Brasil, Portugal e Cabo-Verde são países metaforicamente longe e perto, as nacionalidades só se permitem unir através do medo, pelas batidas poéticas do coração de Lili, e ainda por cima confundidas com sons de passos que se aproximam.

Há a incomunicabilidade em várias esferas. Há um telemóvel que toca, ou um celular, para a brasileira Isabella, mas o termo, o conflito inicial das palavras, já não faz diferença, desde que consigam o difícil contato com o mundo externo. A espera move questionamentos: qual a complicação de uma fronteira? Lili faz gesto de riscar com o dedo no ar e explica: estou aqui. Ela dá um passo e faz de conta que está do outro lado. Vai de um país a outro e conclui: a complicação é para quem complica. E questionam se sair de um lugar e entrar num outro lugar é algum tipo de crime. Tentam se acalmar e se convencer de que não estão numa prisão, apesar do lugar parecer uma.

Do encontro dessas três mulheres de origens diferentes e desconhecidas entre si, há uma perspectiva em comum: elas sonham encontrar acolhimento e trabalho num país distante do seu. O mito de reencontrar a terra de origem e seu ideal de perfeição, em outro tempo e outro espaço, habita os imaginários, desloca afetos e move lembranças e comparações. A saudade faz Isabella evocar a avó e seus ancestrais através da oração, numa cena de solilóquio que ocorre enquanto as outras duas mulheres dormem. Ela pede proteção, acessa o sagrado e reafirma crenças, ao lembrar seu cordão umbilical enterrado no quintal distante, da simbologia de raiz que permanece.

O ato de estarem confinadas é também prova de convivência. Na medida em que o tempo passa, pequenos atritos se transformam em diferenças cada vez maiores e afloram através do comportamento, das perspectivas de mundo e da constituição de seus passados. Enquanto sentem fome, Rosário esconde bolachas na bolsa. Ao ser descoberta, a portuguesa é acusada pela cabo-verdiana Lili de ser uma colonialista por agir assim e não compartilhar o alimento. O conflito se instala na sala e uma discussão entre o que é ser colonialista e o que é ser racista dá a tônica da cena. Temas como as variedades e belezas das terras, saudades de casa, comparações, ironias e implicâncias entre as três mulheres se desenvolvem rumo a um desfecho comum: o frio que toma conta do ambiente e de seus corpos. A partir disso, o instinto de sobrevivência se alia ao ato solidário de aquecerem-se umas às outras, e um único casaco é partilhado para abrigar as três como se fosse um único corpo, um corpo com três cabeças. Na sequência da ação dramática, a espera segue seu rumo, as três mulheres permanecem próximas,

unidas e acomodadas em suas diferenças, resignadas ao silêncio e a uma espera sem tempo previsto para terminar.

A diversidade e os preconceitos culturais, a necessidade de impor suas culturas e suas histórias e, acima de tudo, a solidão avassaladora que toma conta de cada uma das três mulheres enquanto aguardam na sala do serviço de fronteiras evidenciam as contraditórias existências da lusofonia: todas falam a mesma língua, o português, mas ao mesmo tempo essa língua não é compreensível, não identifica e não une. Por outro lado, a situação que as coloca ali promove um efeito de catarse e união, e as diferenças que elas expressam, o que pensam umas das outras, como agem e reagem, fazem com que compartilhem memórias de culturas distintas. A insegurança e a incerteza do futuro fazem aflorar as identidades.

A discussão da lusofonia é o tema geral de *Estrangeiras*. Ao mesmo tempo em que mostra a riqueza de uma língua, a língua portuguesa em suas diferentes latitudes, também evidencia as contradições e preconceitos a partir dela. Eis os questionamentos: como podemos falar a mesma língua e não sermos capazes de nos compreender? Como podemos ter tanto em comum e sermos tão diferentes nas nossas culturas, nas nossas condições, nas nossas origens e formas de ser e estar no mundo? Se a língua é expressão de identidade, como pode separar dessa forma?

Tais questionamentos provocam um sentido frustrado de irmandade. Evidencia a decepção do ser humano por constatar ser parte de uma coletividade fraca, tomada pela necessidade individual de sobrevivência. A língua pode unir, mas também pode atacar. Pode ser cruel, ferina. Assim, como estratégia de proteção, num primeiro momento uma das mulheres tenta a comunicação em inglês, língua do território em que se encontram. É mais seguro, talvez. Mas ao perceberem-se parte desse mundo 'lusófono', pautado pela língua oficial portuguesa, um conflitante misto de segurança e desordem se instala. A cabo-verdiana recorre ao Crioulo, sua língua local, em momentos de tensão. A brasileira do nordeste utiliza expressões que as outras não entendem. A portuguesa, ao afirmar que é a primeira vez que sai de seu país, não consegue ir além de seu próprio universo, o que inclui a questão linguística.

Através de situações corriqueiras, surgem as memórias das experiências acumuladas ao longo de diferentes espaços habitados. Caracterizam-se por narrativas que surgem em confronto com uma língua comum, mas repleta de diferenças e dificuldades de entendimento. Ainda assim, a necessidade de união para enfrentar a distância, as ausências e o isolamento faz aflorar o que há de mais humano em cada uma das três mulheres, com suas identificações e conflitos. Desse modo, a tentativa de uma convivência cordial perpassa pequenas situações, revela as sutilezas das personagens e desencadeia uma reflexão maior através de lembranças do passado e dos lugares que as constituem.

A partir dessa construção dramática, o movimento de migração apresentado na peça ilumina memórias e promessas, vestígios e afetos, ímpetos e decepções. A história pessoal de cada uma das personagens

evidencia também novas configurações das relações de poder, desigualdades e contradições, num universo onde o espaço para as diferenças culturais ainda é capaz de oprimir. Aqui está o teatro a discutir as entrelinhas. A personificação daquilo que se oculta por trás de um discurso oficial de um mundo coerente e – apenas aparentemente – gentil à sobrevivência e ao trânsito do diverso.